



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## OS DOIS ESPAÇOS CELEBRATIVOS NOS PRIMEIROS SÉCULOS DA ERA CRISTÃ, SEGUNDO ANDRÉ GRABAR

---

Two celebrative spaces in the early centuries of the Christian Era, according to André Grabar

Ruberval Monteiro da Silva<sup>1</sup>

### Resumo:

A arte e a arquitetura sacra e litúrgica nos primeiros séculos do cristianismo é o que trata este artigo. André Grabar, pesquisador do campo específico da arte cristã antiga, contribuiu imensamente nessa área ao elaborar um método de trabalho válido até hoje. O método consiste em comparar funcionalmente um monumento a um outro similar, buscando individualizar os “grupos semânticos” das imagens. O tema é pertinente, pois uma das grandes dificuldades, ainda nos dias de hoje, é estabelecer a relação da imagem com o espaço celebrativo, “quê tipo de imagem se coloca onde?” dentro do edifício eclesial.

### Palavras-chave:

Imagem. Iconografia. André Grabar. Arte. Arquitetura.

### Abstract:

The sacred liturgical art and architecture in the early centuries of Christianity is the main subject in this article. André Grabar, a researcher of the field of ancient Christian art, contributed immensely in this area by developing a working method still valid today. The method consists of comparing functionally a monument to another similar, seeking to distinguish the "semantic groups" of images. The issue is relevant because one of the great difficulties, even today, is to establish the relation of the image with space for celebration, "What kind of image you put where?" inside the church building.

### Keywords:

Image. Iconography. André Grabar. Art. Architecture.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Dom Ruberval Monteiro da Silva, osb, monge beneditino do mosteiro da ressurreição, de Ponta Grossa, PR, Brasil; Doutor em teologia oriental pelo Pontifício Instituto Oriental, de Roma, Itália; Especialista em Arte Sacra, Iconografia e Liturgia. Contato: rubervale@gmail.com

«Pode-se fazer a história das diversas expressões religiosas,  
mas a hermenêutica é a descoberta do sentido mais profundo destas expressões.»  
(Mircea Eliade)

Uma grande dificuldade hoje é estabelecer a relação da imagem com o espaço celebrativo, “quê tipo de imagem se coloca onde?” dentro do edifício eclesial. Seria oportuno verificar como este problema foi resolvido nos primeiros séculos da Igreja, não simplesmente para voltar ao passado, mas para compreender os critérios.

Na região do Oriente Médio, encontram-se numerosas ruínas de construções de culto, judaicas ou cristãs, datando dos primeiros séculos de nossa era até o séc. VII, muitas delas completamente arrasadas em suas paredes, mas com muitos fragmentos de mosaicos pavimentais, em certos casos, quase intactos à ação do tempo. Graças a estes «tapetes de pedra», pode-se teorizar sobre as possíveis funções litúrgicas que abrigavam estes edifícios.

A interpretação ou a hermenêutica de uma obra de arte antiga é um problema complexo, e por isso mesmo, deu origem a uma ciência, chamada iconografia ou iconologia, que se utiliza dos textos antigos, da história da arte, das religiões e da simbólica universal comparativa, para ensaiar algumas possíveis leituras dos monumentos e imagens antigos. Um grande pesquisador dentro do campo específico da arte cristã antiga foi André Grabar, que elaborou um método de trabalho muito válido até hoje, que consiste em comparar funcionalmente um monumento a um outro similar, buscando individuar os “grupos semânticos” das imagens, como sílabas dentro de uma palavra, ou palavras dentro de uma frase. Este processo comparativo vai confrontando e analisando a incidência da mesma imagem, ou semelhante, num determinado local da construção, e sua correspondência aos textos litúrgicos contemporâneos, ou obras de autores anteriores àquela construção. Ele foi descobrindo assim, uma seqüência de utilizações para uma imagem, que provem de uma tradição, se insere em uma outra, agregando um novo significado, ou purificando de um outro, e sucessivamente, concretiza a história iconográfica de um determinado sujeito ou objeto.

Os estudos da arte cristã antiga não tomavam em consideração suas prováveis raízes judaicas, tendo como certo que havia uma proibição categórica sobre o uso das imagens no judaísmo. Todavia, descobertas mais ou menos recentes (do início do séc. XX até hoje) tornaram conhecido um número impressionante de sinagogas, com muitos pontos em comum com as igrejas paleocristãs: as esculturas e os afrescos, nestas sinagogas, desmentiram o clamoroso axioma de que o Judaísmo rejeitasse sistematicamente as imagens na antiguidade.

### **As duas áreas**

Nosso autor constata que a forma basilical era muito difundida no Império Romano, utilizada pelas sinagogas no séc. III, e pelas igrejas cristãs nos séculos sucessivos, e não é excluída uma influência recíproca entre as arquiteturas de igrejas e sinagogas do séc. IV ao VI.

As sinagogas basilicais tinham, na área da ábside, o Armário da Torah, e nesta zona, os temas eram abstratos e simbólicos, evocavam o Templo destruído e os *Sacra* judaicos (objetos sagrados do culto de Israel), imagens do mundo inteligível ou divino: o Céu dos céus (imaterial), o jardim do Paraíso, a Arca da Aliança, etc. Na região das naves era evocado o mundo material, ou seja, a Terra, incluindo o céu visível, evocado mediante a figuração dos astros, do zodíaco, dos

meses, e imagens dos diversos reinos: o mar com os peixes, o ar com seus pássaros e o solo mesmo, com sua vegetação e animais. Os mosaicos pavimentais da ábside e das naves, unidos, evocam um microcosmo ordenado e redimido, unindo a esfera do mundo divino com o humano. Permanecendo sempre a divisão dos espaços: a Palavra é celebrada na Terra simbólica das naves, pois na sinagoga, ali se encontrava a cátedra de Moisés, onde se liam as Escrituras e se compartilhava o ensinamento sobre elas. Este espaço teria originado o ambão, que aparecerá nas regiões bizantinas como coro, adjacente ou não ao santuário, e nas regiões siríacas, o bema, espécie de coro clerical no meio da nave. Já a região da ábside, o Céu dos céus, correspondia na sinagoga à área da Torah, que teria substituído o *Sancta Sanctorum* do Templo, e teria dado origem ao espaço do Santuário (presbitério) cristão, lugar do altar onde se celebram os mistérios sagrados da Nova Aliança. Ambos, unidos em contínua comunicação: da Palavra ao Mistério, e do Mistério à comunhão sacramental, da Terra ao Céu e do Céu à Terra.

Grabar sugere que foram Fílon Alexandrino e Flávio Josefo (séc. I), com suas explicações simbólicas sobre o Templo de Jerusalém, as origens da concepção cósmica do Templo, transferida às sinagogas e, em seguida, às igrejas. O Templo foi destruído em 135 d.C, e ele situa nesta ocasião a transferência da teologia do Templo para a Sinagoga; e cem anos depois o mesmo simbolismo seria visualizado nos afrescos e nos mosaicos pavimentais; e um século mais tarde, também nas igrejas cristãs.

Os exemplos de sinagogas e igrejas, no período tratado, são muitos, o de Dura-Europos é um famoso, por trazer, não os mosaicos pavimentais, mas afrescos com cenas das prodígios de Deus no Antigo Testamento, sempre com a mesma distinção entre as duas áreas, uma próxima ao nicho da Torah, com temas abstratos e simbólicos, em conexão com a eternidade, e no restante das paredes, cenas narrativas referentes à Terra e ao tempo material. Nas igrejas cristãs, as imagens são as mesmas, com uma organização diferente, que ressalta o mistério da cruz, animais que simbolizem a Incarnação, o sacrifício espiritual, etc.

Existe muito para se descobrir e estudar sobre estes temas tão fascinantes das nossas raízes, e nos enche de estupor um elemento fundamental nestes fragmentos do passado: a alegria! Cada animal, planta ou figuração, tem alegria de viver, reflete através da dura pedra, uma luz imaterial, que a faz leve e transparente, fruto da comunicação entre os dois espaços: somente quando o Céu e a Terra estão unidos, na pessoa de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ambos se tornam aquilo que são em plenitude: um para o outro! As imagens, na proximidade do presbitério, tornam-se pacíficas, pois já antegozam da paz trazida por Ele (At 10, 36). A santidade do lugar do sacrifício e manifestação da misericórdia exigem uma iconografia apropriada, e isso foi seguido por mais de um milênio na Igreja, representando, em suas paredes e utensílios, a teofania do Verbo de Deus, tornando visível o mistério invisível celebrado, e nas naves da igreja, cenas narrativas, a ilustrar a liturgia da Palavra, a pregação e a catequese. Cabe a nós o desafio de tornar visível, com a arquitetura e a arte sacra, que os Céus e a Terra se uniram, que o humano e o divino formaram uma só coisa, sem confusão, sem aniquilação de um sobre outro: um espaço feliz, onde o homem de hoje pudesse lembrar-se de sua vocação para o paraíso e a Jerusalém Celeste.

## Referências

GRABAR, A., *Recherches sur les sources juives de l'art paléochrétien*, in *Cahiers Archéologiques* XI (1960) pp. 41-71, XII (1962) pp. 115-152, XIV (1964) pp. 49-57.

WILKINSON, J., *From Synagogue to Church, The Traditional Design*, London 2002.

PICCIRILLO, M., *MADABA, Le chiese e i mosaici*, Milano, 1989.

[Recebido em: maio de 2012 /  
Aceito em: junho de 2012]